

# POR UMA CAUSALIDADE NA PERSPECTIVA DE GIAMBATTISTA VICO: É POSSÍVEL PENSAR O MUNDO SOCIAL



<https://doi.org/10.22533/at.ed.750112524039>

Data de aceite: 10/07/2025

**Lúcio Flávio de Sousa Costa**

**RESUMO:** Sempre é uma questão discutível na ordem da Filosofia mesmo por uma busca de simples tarefa em delimitar a Modernidade a partir da *causalidade*. É possível definir um responsável maior ou um momento específico para reclassificar o conceito da *causalidade*? Da Filosofia Antiga para a Moderna. Em procura de abordagem que atenda novas perspectivas e demandas do tempo. Nesse sentido, a verificação é sabida por um momento histórico atípico desde o século XVII com a intensificação gradual do comércio europeu, o surgimento de um novo segmento social (a burguesa) no quadro da política, o fomento de um novo Homem é defendido, adotando como o fim último. Há uma passagem do mundo centrado em Deus para lotar o Homem no lugar. Percebe-se a mudança da ordem de expectativa a partir da fé para a adoção de argumentos racionais, bem como de experimentos científicos. A individualidade do Homem vira o foco na construção das teorias políticas. O pensamento criativo (sintético) e o pensamento crítico (analítico) diante do mundo natural surgem como

fontes desafiantes contra os tempos anteriores e defini a Filosofia Moderna na perspectiva da ordem do mundo natural. Giambattista Vico (1668-1744) defendeu adotar o Homem sob o modo de visualizar um mundo possível e próprio, o mundo social, independente da ordem natural. O objetivo do artigo é apontar o conceito *verum-factum convertuntur* como garantia material conceitual para definir o que autor napolitano entendia por *causalidade*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Casualidade; Modernidade; Giambattista Vico; Mundo Social

## FOR CAUSALITY FORM THE PERSPECTIVE OF GIAMBATTISTA VICO: IT IS POSSIBLE TO THINK ABOUT THE SOCIAL WORD

**ABSTRACT:** It is always a debatable issue in the field of Philosophy, even when seeking the simple task of delimiting Modernity from *causality*. Is it possible to define a person responsible or a specific moment to reclassify the concept of *causality*? From Ancient to Modern Philosophy. Looking for an approach that meets new perspectives and demands of the time. In this sense, verification is known from an atypical historical moment since the 17th century

with the gradual intensification of European trade, the emergence of a new social segment (the bourgeoisie) within the political framework, the promotion of a new Man is defended, adopting as the ultimate end. There is a transition from the world centered on God to filling Man in place. We can see a change in the order of expectations from faith to the adoption of rational arguments, as well as scientific experiments. Man's individuality becomes the focus in the construction of political theories. Creative (synthetic) thinking and critical (analytical) thinking in the face of the natural world emerge as challenging sources against previous times and defined Modern Philosophy from the perspective of the order of the natural world. Giambattista Vico (1668-1744) defended adopting Man in the way of visualizing a possible and proper world, the social world, independent of the natural order. The objective of the article is to point out the concept *verum-factum convertuntur* as a conceptual material guarantee to define what the Neapolitan author understood by *causality*.

**KEYWORDS:** Casualty; Modernity; Giambattista Vico; Social World

## **INTRODUÇÃO - POR UMA FILOSOFIA MODERNA PARA A HUMANIDADE: UMA TRANSIÇÃO DE CAUSALIDADE DO MUNDO NATURAL PARA O MUNDO SOCIAL**

O salto da Filosofia Antiga para a da Moderna se faz necessário. A produção intelectual da humanidade é extensa. Não cabe no artigo ultrapassar o seu propósito, detalhando as influências de cada um. Escolher um reporte é preciso. A noção da *causalidade* perpassa ao longo da História da Filosofia e da Ciência. A Filosofia faz parte da Humanidade que lida também sobre o conceito de *causalidade*. Esse conceito está por toda parte na discussão entre o Homem e o mundo natural como operação, reflexão e sentido, no que diz respeito a qualquer buscar de definição.

Sempre foi um desafio pensar o mundo natural, bem como pensar a si mesmo. Buscar uma linguagem para servir de intermediária como *logos* ou *ratio*, adequada para notificar, criticar, noticiar, informar, descrever, analisar, sintetizar e criar conteúdo pesquisado. Uma tarefa da Humanidade sempre foi por busca de comunicação ao longo do tempo, lotando um signo em qualquer superfície, ao deixar um significado, ela deixa um sentido na superfície do mundo natural para a própria geração e futura, uma reflexão para o aproveitamento do gênero humano. O desafio de significar ao longo da História propiciou inúmeras vertentes filosóficas, científicas, culturais, artísticas, educacionais, políticas, éticas a partir das linguagens disponibilizadas pelo Homem.

A contextualização de um determinado período da Filosofia é importante para delimitar o artigo. Essa delimitação é sobre a concepção de *causalidade*, um momento de reflexão ao longo do tempo. É sabido que um dos principais tratados do conceito de *causalidade* é do filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.). Esses tratados foram compostos por quatorze livros e organizados pelo discípulo Andrônico Rodes (I-I a.C.), recebendo a denominação de *Primeira Filosofia*, ou como é mais conhecida por *Metafísica*. O conceito de *causalidade*, na perspectiva aristotélica, segue geral a partir de quatro causas: *material, formal, eficiente*

e *final*<sup>1</sup>. Em resumo, o autor Bertrand Russel na obra *História do Pensamento Ocidental* (1945) fez uma boa síntese. O autor inglês relatou que gradualmente na Modernidade foi se deixando dedicar o assunto sobre a causa *material* e a *formal*. O foco ficou na causa *eficiente* como área de dedicação da Modernidade, considerando-a como *causa* em geral. Conforme o autor inglês, a ciência da modernidade adotou as argumentações racionais e/ou, por via de experimentos empíricos sobre o mundo natural, a partir da causa *eficiente* (Russell, 2016, p. 138). A causa *final* foi absorvida, especificamente, por uma perspectiva teológica, adotando finalidade oculta distinta do objetivo da ciência moderna.

Giambattista Vico (1668-1744) representou um tempo que delimitou o conceito de *causalidade* a partir da noção de Deus cristão como Criador do mundo, uma criação do *nada* como um puro pensamento. Essa delimitação expressou um tempo da Modernidade a partir da ordem natural, visto que provar por *causa* é conhecer o efeito. Assim como definir a *causa* é saber reunir os elementos dispersos da coisa do mundo natural. No entanto, o autor napolitano soube que não seria possível definir os assuntos do mundo natural a partir das *causas* aristotélica, visto que não pertencem ao Homem os elementos externos do mundo natural. Nesse sentido, o conceito de *causalidade* que o autor napolitano pretendeu é assimilar, de certo modo, equiparando do modo de criação de Deus ao seu conceito principal, o *verum-factum convertuntur*, como definiu a própria Teoria do conhecimento “[...] o verdadeiro é ter feito [...]” (Vico, 2002, p. 150) e vice-versa, presente nas obras *De Antiquíssima Italoum Sapientia ex-Linguae Latinae Originibus Eruenda* (1710) (*De Antiquíssima*) e *Del método de Estúdios de Nuestro Tempo* (1709) (*De Ratione*). Na concepção do autor napolitano, o provar por *causa* é similar à da Teoria de conhecimento principal das suas obras. Essa teoria tomou contorno ainda maior complexidade na obra principal, *Principi di (una) Scienza Nuova (d’intorno alla comune natura delle nazioni* - 1744) que, abreviada por *Ciência Nova*. Ele confirmou a importância para o estudo do mundo social ou das disciplinas humanas quando diz que o assunto do Homem não possuía *ponto*, *linha*, *superfície* e *figura* como exemplo de uma figura geométrica, atendo por solução na vida prática (Vico, 2005, p.187 ou §349)<sup>2</sup>. Nesse sentido, ele defendeu o uso de um determinado conceito de *causalidade* como fonte para alentar uma nova perspectiva de Teoria do conhecimento para o estudo e assunto do mundo social, o *verum-factum convertuntur*.

<sup>1</sup> Em síntese, Russell apontou para adotar uma noção de Aristóteles que lidava sobre o conceito de *causalidade*. Assim, o autor inglês resumiu as causas do autor grego como aspectos da *causalidade*: Esses quatro aspectos são chamados, respectivamente, de causa material, formal, eficiente e final. Um exemplo simples esclarecerá isso: consideremos uma pedra oscilando na borda de um degrau que é empurrada até cair. A causa *material*, nesta situação, é a matéria da própria pedra. A causa *formal* é a disposição geral do solo, ou seja, o degrau e a posição da pedra nele. A causa *eficiente* é aquilo que a empurra. A causa *final* é a tendência da pedra a buscar o nível mais baixo possível, ou seja, a força atrativa da gravidade. (Russell, 2016, p. 138, grifo nosso)

<sup>2</sup> Sempre e somente será incluso na citação o número do parágrafo da obra-mestra, a *Ciência Nova* (1744).

## O HOMEM NO CENTRO DA QUESTÃO DA TEORIA DO CONHECIMENTO, ADOTANDO O CONCEITO DE CASUALIDADE A PARTIR DE GIAMBATTISTA VICO

A obra *Eclipse da Razão* de Max Horkheimer (1895-1973) passou a ser uma fonte de reflexão sobre a Modernidade, porque ela definiu um determinado declínio. Essa obra definiu a *razão* da época, como uma síntese dos tempos das grandes filosofias, como de Platão e Aristóteles, a escolástica e o idealismo alemão, o sistema de uma determinada razão foi definido para atender uma abrangência universalista com hierarquias para os seres vivos, inclusive para o Homem e suas demandas sociais (Horkheimer, 2015, p.12).

Segundo Horkheimer, a Modernidade tratou de uma parte da *razão* menor como subjetiva e maior como a *razão* dita por objetiva, uma vez que os grandes sistemas filosóficos dos tempos preocupavam somente com os fins. Um dos sistemas filosóficos buscou por uma análise matematizada, recusando a uma suposta objetividade da Mitologia. Em geral, a Mitologia foi tratada como uma linguagem falsa, quando o crivo de validade passava a ser adotada a partir das ciências exatas (Geometria e Matemática). Assim, a *razão* quando está subjetivada agiria, sem uma correlação de conteúdo prévio, passando a ser considerada unicamente como uma forma a ser validada. Essa razão transmutaria acerca de uma faculdade intelectual que coordenaria a causa *formal* como categoria, que só teria avanço se adotasse o uso de um método, eliminando afeições incompatíveis, até mesmo consciente (Horkheimer, 2015, p. 17).

Na Filosofia de Vico, o assunto do conceito de *causalidade* da Modernidade foi abordado<sup>3</sup>, enquanto Horkheimer identificou o colapso desse conceito a partir da obra, *Eclipse da Razão*, apresentando por entender o sentido dessa razão e sua falta de consistência na operacionalidade pela causa *eficiente* na vida prática. É bom mencionar a obra intitulada *De Antiquíssima*, visto que refletiu um tempo dele como espelho de um período em que as ciências exatas (Geometria e Matemáticas) se tornaram elevadas, por meio de autores como G. Galilei (1564-1642), R. Descartes (1596-1650) e I. Newton (1642-1727). O papel central desses autores está na fundamentação de conhecimento racional e/ou experimental. O mundo moderno definiu o uso da linguagem matemática como fundamental, que, elevada ao último grau de ciência e passível a ser instrumentalizada a partir de desenvolvimento tecnológico, permitindo uma análise do mundo natural que favoreceria o Homem na questão da produção. Essa elevação só foi possível quando:

<sup>3</sup> Na equiparação entre o conceito de *causalidade* da Modernidade e a Teoria do conhecimento de Vico. O autor napolitano definiu para realizar uma aproximação que: Os latinos confundem causa com atividade ou operação, e chamam efeito ao que nasce da causa. Isto parece coincidir com o que fizemos dissertado do verdadeiro e o feito, pois, *se o verdadeiro é o que se tenha feito, provar por causas é o mesmo que efetuar, e assim será a mesma causa e atividade, isto é, operação; é o mesmo também o verdadeiro e o feito, a saber, o feito*. As principais causas a que se atende na natureza são a matéria e a forma, como na moral o fim e na metafísica o autor. Assim, pois é verossímil que os filósofos da Itália opinaram que prova a partir das causas quem organiza os elementos desordenados da coisa e compõe no uno só os dispersos; de tal ordem e composição de elementos se deriva a forma certa da coisa, que introduz na matéria sua particular natureza. (Vico, 2002, p. 150, tradução nossa e grifo nosso)

"[...] dissecou o homem em corpo e mente, e este em intelecto e vontade, e do corpo separou ou, como dizem, abstraiu a figura, o movimento, e destes, como de todas as demais coisas, extraiu o ser e o uno. Assim, a metafísica contempla o ente, a aritmética ao uno e sua multiplicação, a geometria à figura e suas dimensões, a mecânica ao movimento desde a órbita, a física ao movimento desde o centro, a medicina o corpo, a lógica à razão, a moral à vontade." (Vico, 2002, p.136, tradução nossa)

No tempo de Horkheimer, o desencantamento do mundo natural e do Homem se compreenderia com bastante nitidez, mas já se apresentava uma amostra no tempo de Vico. Nessa citação, a *matéria* é conferida por morta (sem finalidade), passando a ser sujeita à decomposição por diversas partes quando somente o corpo (*matéria*) está morto para realizar pesquisa como uma tarefa de anatomia das coisas, assim como do corpo humano (Vico, 2002, p.136), a confirmação da perda do corpo vivo está relacionada à perda da situação, à da estrutura e à da função das partes. Na obra *De Antiquíssima*, a mente humana foi abordada como uma oportunidade de discutir a Metafísica, à luz de uma concepção cristã de Deus como o *Criador do nada*. Essa concepção de metafísica alavancou secularmente e ironicamente para uma separação entre a Razão e a Religião da época, bem como o afastamento da mente à da Poética ou à da Mitológica. O entendimento da mente humana para a Modernidade se apresentou como uma definição do saber o que deveria:

"[...] compor os elementos das coisas: donde o pensamento é próprio da mente humana, e, em vez disso, a inteligência o é da divina, porque Deus compreende dentro de si todos os elementos das coisas, tanto exteriores como interiores, pois os contem e dispõe: mas a mente humana, por ser finita e exterior a todas as demais coisas que não são ela mesma, pode tão somente tratar de agrupar os extremos das coisas, porém nunca os abarca todos, de modo que pode pensar nas coisas, mas não entende-las; e é, por isso, ela participa, mas não é dona da razão. [...]" (Vico, 2002, p.134, tradução nossa)

É um tempo que Vico evocou o conceito de verdade *verum-factum convertuntur* dos latinos que "[...] verdadeiro e o feito são recíprocos ou, como dizem os escolásticos, são convertíveis [...]" (Vico, 2002, p.133). Na Antiguidade, os filósofos foram considerados pagãos, uma vez que não cultuavam uma ideia de divindade, como a cristã. Esses filósofos pensavam que o mundo era eterno e fora deles próprios. Segundo o autor napolitano, os antigos filósofos da Itália acreditavam no conceito de verdade *verum-factum convertuntur*, mesmo sob a perspectiva desse mundo eterno. É sabido que o mundo natural é em Deus, não se fazendo "[...] proposto nenhum outro fim, mais do que Ele mesmo [...]" (Vico, 2002, p.137). Vico definiu que o Homem não podia conhecer o mundo natural como Deus conhece, logo não poderia conhecer a causa *final* Dele. O autor napolitano não desistiu de pensar metafisicamente. Então: como o Homem poderia conhecer o mundo natural?

Não como Deus, diria Vico, mas a partir do modo disponibilizado pelo Homem, levando em conta a sua limitação, visto que o defeito "[...] de sua mente, e mediante o que

chamam de abstração, ele fingiu para si duas coisas [...]” (Vico, 2002, p.137), ou seja, dois signos: o *ponto* e o *uno*. No primeiro signo, o *ponto* passaria ser factível a partir da descrição geometricamente (passíveis formas). No caso do segundo signo, o *uno* transmutaria como contábil quando se multiplicasse aritmeticamente. Ambos os signos da mentalidade metafísica são condições de aplicabilidade, à luz da tecnologia, quando externados pela linguagem matemática, criando “[...] mundo de formas e números [...]” (Vico, 2002, p.138). Uma concepção limitante da mente humana que permitiu Vico principiar o conceito de verdade pela linguagem matemática similar ao conceito de *causalidade* no mundo natural pela Modernidade, visto que “[...] as geometrias são verdadeiras para os homens porque as fazem. ” (Vico, 2002, p.187). Na linha do conceito de verdade e similar ao conceito de *causalidade*, Vico lidou com a abordagem do mundo natural que “[...] não deve ser importada pelo método geométrico, a não ser a própria demonstração. ” (Vico, 2002, p.186). O autor napolitano defendeu uma abordagem do mundo natural com base em princípios dos antigos (Pitágoras (570–495 a.C.) e Platão (428–384 a.C.)) e dos modernos experimentais (Galilei e outros físicos), ao contrário da tentativa de impor um método geométrico como cartesiano sobre o mundo natural. Acreditou que os efeitos particulares fossem possíveis explicar por experimentos particulares (Vico, 2002, p.186). Na obra *História, Metafísica e Ceticismo* (1982), Horkheimer mostrou uma das vertentes do pensamento da Modernidade que originaria também uma nova perspectiva de sociedade, já que:

“[...] em grande medida, a constituição das ciências naturais matematizadas, e a filosofia de Descartes é o correlato filosófico dessa circunstância. As necessidades da economia de intercâmbio que se estava desenvolvendo e a exigência de um domínio técnico da natureza morta, elevaram à absolutização da matemática como único saber digno de confiança. ” (Horkheimer, 1982, p.102, tradução nossa)

A linguagem matemática, quando foi feita porta-voz da metafísica cartesiana, proporcionou um novo nível de conhecimento, ignorando o saber da realidade histórica como não possível de ser teorizada e focando no desenvolvimento de tecnologias ou na mentalidade tecnológica para adentrar na *natureza morta*. Horkheimer sustentou que a ciência da Modernidade se concentrou em perguntar somente sob as causas do mundo natural (Horkheimer, 1982, p. 100). A preocupação de Vico sobre o estudo do mundo natural, ainda se consolidando no seu tempo, lhe fez questionar se a adoção do cartesianismo na Educação da infância não prejudicaria as faculdades basilares do saber do Homem. Na sua obra *De Antiquíssima*, o autor napolitano advertiu para os danos graves e irreversíveis que a Educação na infância poderia provocar, caso se investisse esforço para um método tão árido, assim como o espectro do cartesiano ditou, que excluísse do processo de conhecimento uma das faculdades do saber da vida prática do Homem, o *engenho* (Vico, 2002, p. 185). Esse método cartesiano da Modernidade, apesar de ser exaltado pela academia, não seria capaz de descobrir coisas novas, uma vez que ajuíza

sobre algo já criado, como diz o autor napolitano “[...] a fantasia, que é o olho do engenho como o juízo o é do intelecto.” (Vico, 2002, pp. 186-187), uma criaria, bem como a outra analisaria (crítica), respectivamente. Ele defendia que a Educação na infância deveria promover e respeitar cada estágio cognitivo do Homem. No caso do *engenho* do Homem, o que se manifestaria desde o estágio da infância. Segundo o autor napolitano, o *engenho* deviria ser considerado como uma faculdade basilar do saber da vida prática, que seria possível definir uma faculdade adequada à natureza do Homem (Vico, 2002, p.180), devido ao seu aspecto limitante de conhecer. Conforme Vico, o *engenho* seria um conceito da faculdade da mente, que definiria quando uni “[...] coisas dispersas e diversas [...]” a partir das ciências exatas (Vico, 2002, p. 180. Acreditou o autor napolitano que a:

“[...] geometria não aguça o engenho quando se ensina com o método, mas quando é levada para prática com o diverso, o distinto, o complexo e o desigual. E, por isso, desejava que, se a aprendesse, não pela via analítica, mas pela sintética, de modo que compondo, demostramos, ou seja, não descobriremos as verdades, mas *as faremos* [...]” (Vico, 2002, p. 186, tradução nossa e grifo nosso)

Na citação acima, Vico fez sua crítica direcionada para o método cartesiano. Segundo o autor napolitano, as ciências exatas, sob a tutela do método cartesiano, não favoreceriam no início da aprendizagem no que diz respeito ao estágio cognitivo da infância. Ficaria comprometido o conhecimento na infância, se não respeitar cada tempo e modo de aprendizagem do Homem. Sem conhecer o modo adequado para o estudo do objeto definido, a Educação na infância passaria ser nociva, visto que não deveria adotar uma linguagem matematizada a partir de um juízo abstrato e próprio do Homem, ensinando com aridez e secura na fala para um público infantil. O que, no futuro, refletiria o esgotamento do Homem quando na maturidade, à luz de Horkheimer na obra *Eclipse da Razão*, e conforme apontaria Alfredo Bosi na obra *O Ser e o Tempo da Poesia* (1977). Segundo Bosi, o *engenho* do Homem ao ser tolhido com a perda de potência criativa na infância sofreria grave consequência no futuro, deixando-o “[...] rombo e inepto à instituição do natural, à inteligência do poético e do histórico [...]” (Bosi, 2000, p. 255). O autor brasileiro identificou que antecipar indevidamente a capacidade crítica na infância poderia causar grave inaptidão para vida prática, quando na maturidade. Um dos tormentos do tempo de Vico que anunciaria certa sabotagem do potencial enorme do *engenho* do Homem. De acordo com Bosi seria o que originou:

“Esse estado de aridez e secura no falar a que conduz uma pedagogia excessivamente crítica é sinal de tempos que já estão perdendo o equilíbrio entre a vida dos afetos e a forma social. A última, alienando-se e ressecando-se até o formalismo, acabará infletindo para a perversão [...]” (Bosi, 2000, p. 255)

A Modernidade, sob o método cartesiano, excedeu-se no estudo do mundo natural pela linguagem matemática, sem dedicar um tempo devido na busca pelo significado



dos *fins* para o Homem como finalidade na vida prática, uma questão apropriada para o Homem na preservação do gênero humano. Essa falta de saber *os fins* como causa *eficiente* da época que Vico procurou investigar o objeto de estudo adequado para o Homem, considerando o mais importante dos conhecimentos, a própria realidade histórica (Vico, 2005, p. 187 ou §349). Ele não ignorou a condição da mentalidade do Homem, o fator limitante em relação à concepção de Deus. A História foi considerada pelo tempo de Vico (Nicolau Maquiavel (1469-1527), Thomas Hobbes (1588-1679) e outros) e pelo tempo de Georg W. F. Hegel (1770-1831) sob um mero uso descritivo de eventos particulares para avaliação e proveito da Política, recusando uma possível elaboração teórica. Ao contrário da postura de determinados filósofos da época e posteriormente, Vico assumiu a História com a relevância teórica devida, buscando fundamentação a partir do *primeiro homem* sob a imagem poética de Hércules na obra *Ciência Nova*. O mundo social foi adotado a partir do conceito de *verum-factum convertuntur*, fazendo-se sob uma possível correlação do conceito de causalidade como causa *eficiente* da Modernidade.

Na construção do pensamento de Vico, a imagem poética de Hércules não adotaria somente uma expressão de identidade local, ela seria um pressuposto da condição do próprio Homem na Terra, uma questão existencial a ser realizada<sup>4</sup>. O mundo natural e o Homem estariam em contínua mudança. Essa íntima relação dialética entre o Homem e o mundo natural remeteria a uma menção de Vico sobre a condição do Homem ao longo do tempo na busca por compreender a si mesmo, um buscar sentido, visto que a mente humana está miseravelmente:

"[...] imersa e sepultada no corpo, é naturalmente inclinada a sentir as coisas do corpo e deve usar demasiado esforço e fadiga para se compreender a si mesma, como o olho corporal que vê todos os objectos fora de si e necessita do espelho para se ver a si próprio." (Vico, 2005, p.172 ou §331)

Essa metáfora do espelho é a confirmação da condição Homem como conhecia desde os *tempos obscuros*, uma constatação da mente limitante. Desde o tempo de Vico, o estudo do mundo social foi secundarizado no grau de conhecimento, deixando em segundo plano. Um dos motivos desse descrédito foi porque todos os estudos se nivelaram sob a ordem do mundo natural, atendo a um pensamento universalista do objeto o que inviabilizou qualquer avanço no que diz respeito ao estudo do mundo social. Os estudos do mundo natural entenderam como obstáculo realizar uma equidade de modo de estudo, visto que o estudo do mundo social possui obscuros princípios e inúmeros costumes para

---

<sup>4</sup> Ver na obra *Ciência Nova* (Vico, pp. 172-173 ou §333, grifo nosso), visto que: Observamos que todas as nações, tanto bárbaras como humanas, se bem que fundadas separadamente, afastadas entre si por imensos espaços de lugares e tempos, conservam estes três costumes humanos: que todas tem alguma religião, todas contraem matrimônios solenes, todas sepultam os seus mortos; nem entre as nações, mesmo as selvagens e cruéis, se celebram acções humanas com mais requintadas cerimônias e mais consagradas solenidades do que *religiões, matrimônios e sepulturas*. Porque, pela dignidade de que ideias uniformes, nascidas em povos desconhecidos entre si, devem ter um princípio comum de verdades, deve ter sido ditado a todas: que destas três coisas começou em todas a humanidade e, por isso, devem ser santissimamente conservadas por todas, para que o mundo não se enfureça e se torne de novo selvagem. Por isso tomámos estes três costumes eternos e universais como os primeiros três princípios desta Ciência.



universalizar como o do mundo natural (Vico, 2005, p.184 ou §344, grifo nosso) e, portanto, inapropriados para a dedicação, conforme o estudo do mundo natural.

Nesse contexto, o Hércules foi considerado o primeiro a superar o mundo natural no cultivo do campo, modificando os locais, criando costumes, ao deixar a vida de nômades, onde somente seria possível o plantio e ter acesso fácil à água para a própria conservação do gênero humano. Segundo Vico, o pensar metafisicamente deveria ter em pauta “[...] desde o momento em que os primeiros homens começaram a pensar humanamente [...]” (Vico, 2005, p.186 ou §347). Na obra *Ciência Nova*, Vico defendeu uma possibilidade de conhecimento para quem fosse lê-la. Seria uma tarefa de meditação, ao realizar tal tarefa, o leitor dessa obra estaria narrando a si mesmo, como a própria condição e estágio na História, já que é um produto ao longo do tempo do Homem como gênero da Humanidade, visto que o fez e pode o conhecer como previa também na obra *De Antiquíssima*. A construção poética de Vico instigou a investigação para saber a função da *poesia* nos *tempos obscuros* da Humanidade. Segundo Vico, o primeiro homem foi:

“[...] vívido sentido para sentirem os particulares, forte fantasia para os aprender e aumentar, agudo engenho para os reportar aos seus gêneros fantásticos e robusta memória para os reter. [...]” (Vico, 2005, pp. 623-624, §819).

No limiar do saber poético, Vico recusou as noções de *poesia* de Platão, de Aristóteles, bem como de filósofos do seu tempo, reconhecendo que o desdobramento da condição da mente do Homem, limitante e débil de raciocínio abstrato (Vico, 2005, pp. 220-221, §384). O surgimento da *poesia* decorreu do defeito de raciocínio do Homem. Esse defeito, ironicamente, permitiu a sublimidade poética florescer e garantir a manutenção do gênero humano nos *tempos obscuros*.

A construção poética produzida nos *tempos obscuros* não seguiu a ideia de um falar natural, como Platão definiu e, posteriormente, foi severamente criticada por Aristóteles, uma vez que “[...] não foi um falar segundo a natureza das coisas [...]” (Vico, 2005, p. 236 ou §401). Essa construção poética assemelha-se a “[...] um falar fantástico, por substâncias animadas, a maior parte imaginadas divinas. [...]” (Vico, 2005, p. 236 ou §401). O saber poético gerou inúmeros costumes passíveis para conhecimento do Homem. A causa *eficiente* da *poesia* representou o resultado eficiente como produto social para assegurar a sobrevivência do gênero humano, apresentando finalidade realizável no campo da hermenêutica para o Homem na vida prática.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No tempo de Vico, o estudo do mundo social foi recusado como projeto de conhecimento, visto que atentava para os *tempos obscuros*: *obscuridades dos princípios* e *inumeráveis costumes*. Um período que o autor napolitano identificou o desencontro entre Filosofia e Filologia, ao não saber o real fim da História como causa *eficiente* e,

consequentemente do Homem na vida prática, tendo em vista a garantia do gênero humano, uma vez que:

“[...] os filósofos, que não acertaram as suas razões com a autoridade dos filólogos, como os filólogos, que não cuidaram de certificar a sua autoridade com a razão dos filósofos [...]” (Vico, 2005, p. 110 ou §140).

Esse desencontro constatado que Vico defendeu uma *nova arte crítica*. Segundo o autor napolitano, a fundamentação dessa nova arte dependeria da relação de duas áreas (Filosofia e Filologia) do conhecimento para adentrar no *senso comum* do Homem, uma vez que “[...] é um juízo sem reflexão alguma, comumente sentido por toda uma ordem, por todo um povo, por toda uma nação, por todo o gênero humano.” (Vico, 2005, p. 111 ou §142). Vico introduziu, na defesa de um conhecimento típico para o Homem, uma tarefa hermenêutica de causa *eficiente* que a Filosofia e a Filologia<sup>5</sup> deveriam adotar no campo de estudo do mundo social desde a origem, lembrando a função da *poesia* como criação social, e se somente assim a:

“[...] filosofia contempla a razão, donde provém a ciência do verdadeiro; a filologia observa a autoridade do arbítrio humano, donde provém a consciência do certo.” (Vico, 2005, p. 110 ou §138).

Como Deus fez o mundo natural, o projeto de Vico atribuiu ao Homem a responsabilidade pela criação do mundo social como causa *eficiente*. Ao considerar o defeito de raciocínio como uma condição limitante da mente humana, o autor napolitano reconheceu que o Homem criou o mundo social. Nessa condição, a *poesia* floresceu profundamente na mente humana, sem o filtro do juízo da Filosofia, passando ser a fonte de criação de sentido para inaugurar o mundo social. Homem não perde o *status* de criador, mesmo sem a tutela da Filosofia, Vico garantiu a validade de conhecer do Homem na Teoria do conhecimento de Vico (*verum-factum convertuntur*) como causa *eficiente*.

## REFERÊNCIAS

### PRINCIPAIS OBRAS DE GIAMBATTISTA VICO:

VICO, G. *Principj di scienza nuova intorno alla natura delle nazioni*. – SN44. Napoli: Arnaldo Mondadori, 1992.

——. *Ciência Nova*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

——. Del método de estudios de nuestro tiempo. In: **Obras**: Oraciones inaugurales. La antiquísima sabiduría de los italianos. Barcelona: Anthropos Editorial, 2002. pp. 73-124.

<sup>5</sup> Segundo Vico, a Filologia deve adentrar na pesquisa de todas as esferas de produções sociais, como os: “[...] gramáticos, historiadores, críticos, que se ocuparam da cognição das línguas e dos fatos dos povos, tanto em casa, como são os costumes e as leis, como fora, tal como são as guerras, as pazes, as alianças, as viagens, os comércios.” (Vico, 2005, p. 110 ou §139)

—. La antiquísima sabiduría de los italianos. In: **Obras**: Oraciones inaugurales. La antiquísima sabiduría de los italianos. Barcelona: Anthropos Editorial, 2002. pp. 127-191.

## **OBRAS COMPLEMENTARES**

ALMEIDA, R. M.. **A Fragmentação da Cultura e o Fim do Sujeito**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

BOSI, A. **O ser e o Tempo da Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BURTT, A. E. **Los Fundamentos Metafísicos de la Ciencia Moderna**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1960.

HORKHEIMER, M. **História, Metafísica, y Escepticismo**. Madrid: Alianza Editora, 1982.

—. **Eclipse da Razão**. São Paulo: Unesp, 2015.

GRASSI, E. **Humanismo y Marxismo**: Crítica de la Independización de la Ciencia. Madrid: Editorial Gredos, 1977.

—. **Vico y el Humanismo**: Ensaio sobre Vico, Heidegger y la Retórica. Rubi (Barcelona): Anthropos, 1999.

LABASTIDA, J.. **Producción, Ciencia y Sociedad**: de Descartes a Marx. México: Siglo XXI Veintiuno Editores, 1971.

RUSSELL, B. **História do Pensamento Ocidental**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.